
Psicologização no Brasil: atores e autores

Luiz Fernando Dias Duarte; Jane Russo; Ana Teresa A. Venancio (orgs.)

Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005, 224 p.

Entradas e bandeiras nos campos *psi*

Ana Maria G. R. Oda

O olhar histórico traz sempre uma benéfica relativização dos nossos conceitos e práticas atuais, assim como os esforços de restauração da genealogia do conhecimento permitem reconhecer a determinação cultural de toda prática dita científica.

Recente e importante contribuição nesse sentido é a coletânea *Psicologização no Brasil: atores e autores*, lançada em 2005, cujos organizadores são Luiz Fernando Dias Duarte, Jane Russo e Ana Teresa A. Venancio.

O livro reúne dez ensaios, textos produzidos no âmbito do projeto denominado *Institucionalização dos saberes psicológicos no Brasil (Rio de Janeiro): uma contribuição à antropologia da pessoa ocidental moderna*, desenvolvido entre 1995 e 2003, com apoio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Tal projeto cooperativo agrupou trabalhos desenvolvidos em unidades da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS-MN) e o Instituto de Psiquiatria (IPUB), bem como da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), os Institutos de Medicina Social (IMS) e de Psicologia (IP). A sua coordenação geral esteve a cargo de Luiz Fernando Dias Duarte, do PPGAS-MN.

Informam os organizadores que o objetivo central das pesquisas integrantes desse projeto foi o de contribuir para o “esclarecimento histórico-etnográfico dos processos sociais que vêm agindo na sociedade

brasileira no sentido da ‘individualização’, por intermédio da ‘interiorização’ propiciada pela difusão, pelo consumo e pela reprodução das representações ‘psicologizadas’ da pessoa ocidental moderna” (p. 7, aspas no original).

Cabe aqui uma observação sobre os sentidos do termo “psicologização”. Em seu ensaio, Luiz Fernando D. Duarte (p. 167-68) observa que ele pode se referir, de forma genérica e de maneira recuada no tempo, às concepções da pessoa humana como dotada de vontade e interioridade, à crença na existência de uma realidade interna ao ente humano, objetos de reflexão da religião e da filosofia. Um segundo registro, bem mais específico e recente, e que é aquele usado nos trabalhos apresentados na coletânea, diria respeito à institucionalização e difusão dos chamados saberes *psi*, tal como entendidos no contexto moderno, marcado pela exigência de cientificidade.

Existe ainda o verbo “psicologizar”, usado na linguagem comum contemporânea, encontrável em dicionários da língua portuguesa, e que significa tanto “estudar ou dedicar-se à psicologia” como, em senso pejorativo, “fazer especulações de cunho psicológico sem base científica” (cf. o Dicionário Houaiss, 2001).

Diante destas variações semânticas, uma questão cabível é se “psicologização” seria um substantivo realmente capaz de sintetizar complexos processos históricos, ou se não seria mais vantajoso descrever por extenso o que se estuda, no caso, institucionalização e difusão (propagação, disseminação, desenvolvimento etc.) das disciplinas que compartilham o prefixo *psi*. De toda forma, se o debate pode começar pelo título, isto indica que um dos objetivos do trabalho, “desvendar o próprio processo de constituição de fronteiras que hoje vemos de forma naturalizada” (p. 8), está já se cumprindo.

O fio condutor do volume é a análise de autores que atuaram de forma importante nos processos de institucionalização – considerados em aspectos políticos, culturais, científicos e sociais – da psiquiatria, da psicologia e da psicanálise no país, do fim do século XIX a meados do XX. A coletânea não incluiu, nem pretendeu fazê-lo, todos os personagens importantes na história de que se ocupa.

Ainda assim, não seria possível, no espaço desta resenha, analisar detalhadamente os dez capítulos do livro, que são contribuições muito diversas nos recortes teóricos e ainda no grau de aprofundamento analítico apresentado. Correndo o risco de ser, ao mesmo tempo, superficial e prolixa, optei por descrever os temas da coletânea e seus respectivos autores, convidando o leitor a consultar cada capítulo citado.

O primeiro ensaio, o único que não se ocupa de um autor específico, versa sobre as relações entre vertentes do *pensamento católico no Brasil* e os valores do individualismo e foi escrito por Pierre Sanchis; a seguir, Manoel Olavo Teixeira estuda o alienista, professor de psiquiatria e político *João Carlos Teixeira Brandão*

e sua influente atuação na passagem do Império à República, na então capital; ainda ambientado no Rio de Janeiro, o terceiro capítulo nos apresenta parte da obra do médico baiano *Juliano Moreira*, produzida durante sua marcante atuação de 30 anos à frente do Hospício Nacional de Alienados, sendo de autoria de Ana Teresa Venancio e de Lázara Carvalhal. Prosseguindo, Olívia Maria da Cunha nos fala de outro médico, o paulista *Leonídio Ribeiro*, atuante na área de criminologia e que produziu, entre outros, um estudo psicopatológico sobre o conhecido criminoso Febrônio Índio do Brasil; Ana Maria Jacó-Vilela enfoca o psiquiatra e educador *Ulysses Pernambucano* e sua contribuição ao desenvolvimento de interfaces nas áreas da saúde e da educação, bem como no campo da saúde pública, concernente à reforma da assistência aos doentes mentais do Recife; a psicóloga e educadora *Helena Antipoff*, russa radicada em Minas Gerais, inovadora no campo da educação, especificamente da pedagogia das crianças ditas “especiais”, é objeto do estudo de Karina Pereira Pinto.

A seguir, temos o ensaio de Jane Russo sobre o médico *Júlio Porto-Carrero* e sua forte atuação na difusão da psicanálise (entendida sobretudo como instrumento pedagógico e civilizador), na então capital federal; Alexandre Schreiner focaliza a ampla produção do médico alagoano *Arthur Ramos*, especialmente aquela relacionada à infância, em que se articularam higiene mental, psicanálise e pedagogia; no penúltimo capítulo, a obra do sociólogo francês *Roger Bastide* é tratada por Luiz Fernando Duarte, que sublinha o marcante papel de Bastide na incorporação da dimensão psicológica ao pensamento sociológico, sobretudo através do uso da teoria psicanalítica na análise das manifestações religiosas afro-brasileiras; por fim, Hildeberto Vieira Martins trata da influência do trabalho do médico cubano, radicado no Estado do Rio de Janeiro, *Emílio Mira y López* nos processos de institucionalização da psicologia e de profissionalização do psicólogo, especialmente pelo desenvolvimento da psicotécnica.

Com relação às referências bibliográficas, fez-se uma opção de risco: todas elas, dos dez ensaios, encontram-se reunidas no fim do livro. Isto não parece vantajoso para o leitor interessado em visualizar rapidamente o conjunto bibliográfico usado em cada um deles, além de obrigar a idas e vindas entre as páginas dos textos e as das respectivas referências.

Elogiável é a presença de índices onomástico e analítico e de uma seção de notas biográficas, ao fim do volume, instrumentos úteis numa obra sobre tantos *autores e atores*.

Enfim, esta obra coletiva, fruto de salutar cooperação entre pesquisadores de duas universidades públicas, traz pesquisas originais e contribuições relevantes para a compreensão da gênese e da conformação atual dos heterogêneos e multiformes campos *psi*, sendo, portanto, sua leitura altamente recomendável.